



***QUANDO A MÚSICA EMBALA A VIOLÊNCIA: RELATO DE
EXPERIÊNCIA***
***CUANDO LA MÚSICA EMBALA LA VIOLENCIA: RELATO DE
EXPERIENCIA***
WHEN MUSIC MOVES VIOLENCE: EXPERIENCE REPORT

Katiuci Pavei¹
Camila Santos Pereira²

RESUMO

Esta experiência docente sobre violência contra mulheres foi realizada na EJA. Apresentaremos o uso didático de uma música como naturalizadora de práticas violentas. As/os estudantes demonstraram criticidade, aversão, bem como, ora resistência ora conformidade. A turma encontrou dificuldade em propor alternativas não deterministas e pessimistas em relação à violência. Diante desse quadro, novos desafios foram lançados ao projeto pedagógico.

PALAVRAS-CHAVE: EJA. Violência. Mulher. Música.

RESUMEN

Esta experiencia docente sobre violencia contra las mujeres fue realizada en la EJA. Presentaremos el uso didáctico de una música como naturalizadora de prácticas violentas. Los/las estudiantes demostraron la criticidad, la aversión, así como la resistencia a la conformidad. La clase encontro dificultad em proponer alternativas no deterministas y pessimistas em relación a la violencia. Ante este cuadro, nuevos desafios fueron lanzados al proyecto pedagógico.

PALABRAS-CLAVE: EJA. Violencia. Mujer. Música.

ABSTRACT

This teaching experience on violence against two men was carried out at the EJA. We will present the didactic use of music as a naturalizer of violent practices. The students demonstrated criticality, aversion as well as resistance and conformity. The group found it difficult to propose non-deterministic and pessimistic alternatives to violence. Given this framework, new challenges were launched in the pedagogical project.

KEYWORDS: EJA. Violence. Woman. Music.

¹ Mestre em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Colégio de Aplicação, Porto Alegre, RS, Brasil.

² Graduanda em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Introdução

Esta experiência de ensino foi realizada, em 2018, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAp/UFRGS). O projeto surgiu a partir das narrativas das alunas sobre as situações de violência que já vivenciaram e/ou que vitimizaram suas conhecidas, somados aos casos relatados pelos alunos envolvendo mulheres próximas.

Percebemos, por meio das estatísticas, o quão é crônico o problema social da violência de gênero no Brasil, colocando o país, desde 2013, em quinto lugar no *ranking* mundial (WAISELFISZ, 2015); situação ratificada em 2017, quando foram comprovados 946 casos de feminicídio (VELASCO; CAESAR; REIS, 2018).

Os objetivos da proposta pedagógica eram: desnaturalizar as concepções sobre gênero; compreender identidade de gênero como construção sociocultural e histórica feita sobre diferenças sexuais/biológicas; tipificar as violências contra mulheres e debater sobre caminhos de resistência. Para tanto, mobilizamos os conceitos de gênero (LOURO, 2003, 2010), dominação masculina (BOURDIEU, 2003) e violências contra as mulheres (EGGERT, 2009; FELIPE, 2012) no referencial teórico do planejamento.

Neste relato iremos abordar, especificamente, uma atividade que tratou da análise da canção “Vidinha de Balada” (REIS & REIS, 2017). Optamos pelo uso da música por considerarmos um artefato cultural por meio do qual representações sociais circulam no nosso cotidiano com facilidade e, em muitas vezes, sem maior criticidade.

Decidimos escolher o gênero sertanejo, considerado “romântico”, justamente para repensá-lo. Em “Vidinha de Balada”, sucesso da dupla Henrique e Juliano, entendemos que a violência está sendo narrada, naturalizada e legitimada, em um ritmo embalado e sob a máscara romantizada. Percebemos um viés autoritário e machista presente na canção, na qual o homem quer obrigar a mulher a namorar e a casar compulsoriamente com ele. Destacamos os trechos: “Tô a fim de você, e se não tiver, cê vai ter que ficar”, “Vai namorar comigo sim” e “Se reclamar, cê vai casar também”. Está aí o sentimento masculinizado de propriedade que o narrador mantém sobre a mulher com quem ele fala, sustentáculo de relações abusivas.

A atividade

A proposta da atividade era que os/as estudantes assistissem ao videoclipe do show, com um olhar atento sobre as ações e reações das pessoas envolvidas (cantores e

público). Logo após, com a letra da música impressa, foi distribuído um roteiro de análise de interpretação do texto. Também foi solicitada uma produção escrita, destacando eventuais reações da personagem feminina frente à situação, e realizado um debate.

No começo, os/as alunos/as, ao ouvirem o som, começaram a embalar seus corpos de forma ritmada, mas, ao se darem conta do que se tratava a letra, pararam. Neste momento uma aluna afirmou que, até pouco tempo, gostava de ouvir e cantarolava tal canção, “mas, quando se dei conta da letra, achei um absurdo e parei.” (Aluna, 27 anos).

Por outro lado, nos registros escritos, observamos que a maioria da turma criticou o teor da letra: “O principal assunto é de um homem dominante, machista.” (Aluna, 45 anos); “O assunto é o namoro entre os personagens, no qual *ele* decidiu que acontecerá.” (Aluna, 27 anos).

Contudo, diante dessa mesma pergunta sobre o tema narrado, apareceram respostas embasadas em noções patriarcais de manipulação e o controle dos homens sobre as mulheres, evidenciando o quanto estão naturalizadas no nosso dia a dia sem que percebamos: “A paixão do homem.” (Aluna, 37 anos); “O rapaz tá tentando mostrar que ele é o homem da sua vida.” (Aluno, 42 anos).

A maioria dos/as estudantes, ao ser questionada sobre quais opções teria a personagem feminina, não vislumbrou saída, demonstrando resignação à situação de coerção: “Depende, ela pode se sentir lisonjeada, mas acredito que ficaria coagida, desconfortável, algo do tipo.” (Aluna, 37 anos); “Iria acabar chorando e aceitando a imposição do homem.” (Aluno, 49 anos).

Felizmente, podemos destacar dois casos de alunas que oferecem possibilidades de escolha para a personagem mulher, marcando espaço de resistência e se compreendendo como pessoa de ação e reação: “As possíveis reações devem ser: não, vou namorar se eu quiser, vou casar se eu quiser e não aceitar pacificamente as decisões dele, e que a decisão de estar com alguém é querer estar com alguém, depende de ambos.” (Aluna, 23 anos). Com sororidade, a colega propõe: “Deve ser de não aceitar um namoro de extrema autoridade em que ela tem que se submeter e que ele quer é mandar.” (Aluna, 35 anos).

Ao longo do projeto, foi constado que o grupo, apesar de não apresentar aversão ao tema e reconhecer a dura realidade da violência contra as mulheres, encontrou dificuldade em propor alternativas não deterministas e pessimistas em relação a esse

problema social. Pairava a descrença nas instituições policiais e judiciais, bem como na efetivação de políticas públicas de prevenção e proteção às mulheres. O consenso de reação era por meio de uso de armamento: “Eu mato [o agressor] ou eu morro.” (Aluna, 28 anos). Tal posicionamento propõe a tentativa de solucionar um problema a partir do viés da própria violência, lembrando que 71,1% dos homicídios ocorridos em 2016 foram praticados com armas de fogo (CERQUEIRA; LIMA; BUENO; NEME; et.al., 2018).

Não obstante esse desencantamento, continuamos o projeto abordando experiências individuais, projetos públicos e privados, bem como apresentando movimentos sociais que demonstram ser possível resistir através de práticas cotidianas e políticas públicas, como é o caso do G8-generalizando/SAJU/UFRGS, grupo interdisciplinar especializado em assessoria a mulheres vítimas de violência de Porto Alegre, que participou de debate na escola. Demais disso, foi iniciada uma oficina integrada com as áreas de Filosofia, Geografia e História, a qual tratava de assuntos relacionados à violência de gênero, bem como elaborava com os/as estudantes intervenções no espaço físico e digital do colégio, engendrando gradativas mudanças de posturas.

Conclusão

Acreditamos que a escola é um espaço para romper com a invisibilização dos processos de violências para, desse modo, potencializar a compreensão e a admissão, despertando, nas mulheres, a consciência de que estão submetidas/submissas a diversas práticas violentas, e nos homens a dimensão da sua responsabilidade (EGGERT, 2009), sobretudo na atual onda brasileira de conservadorismo, permeada de projetos de lei que propõem a retirada de discussões sobre gênero do currículo, bem como de políticas educacionais que rediscutem a permanência da Sociologia nas instituições escolares.

Assim, a utilização da música como recurso pedagógico é interessante, pois desperta atenção e mobiliza os sentidos, sendo primordial submeter canções que, a despeito de aparente inofensividade de sua letra, acabem banalizando preconceitos e atos violentos. Trata-se de uma estratégia didática para despertar o olhar sociológico e mediar debates em sala de aula em face da escalada da musicografia repleta de canções de cunho machista.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003.

CERQUEIRA, Daniel (coord.); LIMA, Renato Sergio de; BUENO, Samira; NEME, Cristina; FERREIRA, Helder; COELHO, Danilo; ALVES, Paloma Palmieri; PINHEIRO, Marina; ASTOLFI, Roberta; MARQUES, David; REIS, Milena; MERIAN, Filipe. Atlas da Violência 2018. Ipea e Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf>. Acesso em: 01 de jul. 2018.

EGGERT, Edla. *Narrar processos: tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

FELIPE, Jane. Relações de gênero: construindo feminilidades e masculinidades na cultura. In: XAVIER FILHA, Constantina. *Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012. p. 217-226.

HENRIQUE E JULIANO. *Vidinha de balada - DVD O Céu Explica Tudo*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PnAMEe0GGG8>>. Acesso em: 04 de abr. 2018.

LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LOURO, G. L. (Org.). *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

REIS, Ricelly Henrique; REIS Jr., Edson. Vidinha de Balada. In: Henrique & Juliano. *O Céu Explica Tudo*. Rio de Janeiro: Som Livre, 2017. Disco sonoro. Faixa 4.

VELASCO, Clara; CAESAR, Gabriela; REIS, Thiago. *Cresce o nº de mulheres vítimas de homicídio no Brasil; dados de feminicídio são subnotificados*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/cresce-n-de-mulheres-vitimas-de-homicidio-no-brasil-dados-de-feminicidio-sao-subnotificados.ghtml>>. Acesso em: 08 de maio. 2018.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil*. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2015_mulheres.php> Acesso em: 10 de mar. 2018.

Recebido em Setembro de 2018.

Aprovado em Novembro de 2018.